

# PDU X arquitetura

FABIANO DIAS

A cidade de Vitória têm tido seu crescimento urbano ditado há muito pelo mercado, o que invariavelmente fez ocorrer a hipervalorização de certas áreas em detrimento de outras e em certos momentos muito bem calculados pelos que comandam esse mercado. Algo que não foge do senso comum de tantas outras cidades. Um dos mais recentes exemplos disso é um loteamento em Jardim Camburi, que, depois de muitos anos esquecida, é hoje a área de maior valorização imobiliária de Vitória, muito por conta do “aquecimento” econômico do Estado.

Pois bem, em recente reunião no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Espírito Santo, alguns colegas arquitetos externaram suas preocupações quanto à possível dificuldade do mercado de trabalho para os arquitetos pela diminuição dos índices construtivos proposta no novo PDU. Menos área construída, menos área projetada, na lógica deles.

Entendemos que a lógica é totalmente inversa: esse novo plano – à parte de qualquer crítica que nós mesmos possamos fazer sobre ele – é, depois de muitos anos, uma tentativa corajosa da parte da Prefeitura em trazer para as mãos de seus moradores o comando e o caminho do crescimento de sua cidade. As decisões são feitas em conjunto com toda a sociedade e revisadas a cada dois anos em seus pontos mais críticos.

Cabe então aos arquitetos se reinventarem ou mesmo assumirem seu real papel de profissionais criativos, que não precisam se valer de soluções repetitivas, que se resumem em diferenças quanto à cor da cerâmica da fachada ou à forma das varandas de um prédio.

Os novos índices, associados aos novos modos de ocupação do lote (agora relativo à largura total da rua), trarão uma redução nas áreas construídas, mas, ao mesmo tempo, uma maior necessidade de um quê de criatividade para se buscarem novas soluções arquitetônicas, não mais moldadas em modelos que se repetem à exaustão por toda a cidade (um incentivo dos próprios zoneamentos dos últimos PDUs).

O arquiteto é necessário neste momento não para repetir uma fórmula em um lote, mas para propor o melhor para a cidade. Agora sua responsabilidade ultrapassará o lote e ganhará realmente a cidade, ou seja, a somatória de soluções arquitetônicas que tragam para as ruas melhorias quanto à ventilação e insolação se refletirá posteriormente por todo o tecido urbano.

Essa é a nova lógica, a lógica do bem-estar da cidade e seus cidadãos, a lógica do fazer parte de e ser responsável por algo. E nós arquitetos temos nosso quinhão de responsabilidade ao construir esta cidade.

**Fabiano Dias** é arquiteto-urbanista

+

Artigo publicado no jornal A Gazeta, seção Opinião, pag. 03, no dia 31/08/2005.